

**Reflexões funcionalistas em torno do item Linguístico *lá*
na cidade de João Pessoa**

*Functionalist reflections on the linguistic item lá
in the city of João Pessoa*

Edileide GODOI¹

Resumo

O trabalho tem por objetivo analisar como o advérbio *lá* se manifesta a partir do uso na cidade de João Pessoa-PB. Esse elemento é tradicionalmente classificado nas gramáticas como advérbio de lugar. No entanto, esse rótulo não dá conta da variedade apresentada no uso real da língua, pois no uso real ela passa pelo processo de gramaticalização espaço > tempo > texto a partir de sua origem dêitico espacial. É sob o apoio da Linguística Funcional a partir do paradigma da gramaticalização que analisamos os fenômenos de mudanças dessa partícula linguística. Para realização desse estudo, utilizamos o *corpus* do projeto de Variação Linguística da Paraíba (VAL-PB), no qual coletamos ocorrências do *lá* pelos seguintes subgêneros: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada e relato de opinião. Diante de nossa análise, concluiu-se que, no ato interlocutor, o *lá*, na cidade de João Pessoa, vai perdendo seu valor espacial pleno e assume novas funções de cunho tanto gramatical quanto discursivo.

Palavras-chave: Gramaticalização. *Lá*. Função. Uso.

Abstract

The aim of this work is to analyze how the adverb "lá" (there) manifests itself through its usage in the city of João Pessoa, Brazil. This linguistic element is traditionally classified in grammars as an adverb of place. However, this label does not fully account for the variety observed in the actual use of the language, as in real usage, it undergoes a process of grammaticalization from spatial deictic origin to temporal and textual functions. With the support of Functional Linguistics and the paradigm of grammaticalization, we analyze the phenomena of change in this linguistic particle. To conduct this study, we utilized the corpus of the Linguistic Variation Project of Paraíba (VAL-PB), where we collected occurrences of "lá" in the following subgenres: personal experience narratives, retold narratives, and opinion reports. Through our analysis, it was concluded that, in the act of

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da UPE (Universidade Estadual de Pernambuco) e Professora substituta da UFPB (Universidade Federal da Paraíba). E-mail: edileide.godoi@upe.br

interaction, "lá" in the city of João Pessoa gradually loses its full spatial value and takes on new functions, both grammatical and discursive in nature.

Keywords: Grammarizing. Threere. Function. Use.

Introdução

Considerando que há uma distância que separa a língua que é apresentada nas escolas, através de compêndios gramaticais e a língua que utilizamos em diferentes contextos sociocomunicativos diários, propomos para este estudo uma análise funcional dos diferentes usos do item linguístico *lá*, pelos falantes de João Pessoa-PB. O *lá*, tradicionalmente classificado como advérbio de lugar, tem assumido, em estudos de base funcionalista, novas funções, que se distanciam semântica e sintaticamente da homogeneidade proposta pela gramática normativa.

Neste trabalho, analisaremos o elemento linguístico *lá*, pronunciado na cidade de João Pessoa-PB, observando as funções assumidas no contexto real de fala, bem como verificaremos se esse item linguístico, nessa comunidade de fala, atende toda a plurifuncionalidade já atribuída em outro estudo, a exemplo de Martelotta e Rego, 1996.

A fim de esclarecer que o advérbio de lugar proposto pela gramática normativa pode assumir, no contexto comunicativo, novas funções gramaticais, situamos nosso estudo dentro do arcabouço teórico do funcionalismo linguístico (GIVÓN, 2001; HOPPER, TRAUOGOTT.E 2003; HEINE, 1991; FURTADO, 2007; MARTELLOTA e REGO, 2006; NEVES 2018, entre outros), tomando como fio condutor o processo de gramaticalização a partir dos modelos propostos por Heine (1991), Hopper e Traugott (1993).

De acordo com Hopper e Traugott, (2003, *apud*, HORA, Dermeval da, 2004, p.184) gramaticalização é o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a assumir funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Para Hopper (1998) a estrutura da língua é “emergente”², não é fixa nem determinada, ao contrário,

² O termo “emergente” faz referência à incompletude essencial da língua, com o qual é possível ver a instabilidade (*lablity*) entre forma e significado como uma constante e como uma situação natural. (HOPPER, 1998, p.156).

está constantemente aberta, sendo sensível às pressões de uso, ou seja, a estrutura da língua está sujeita a seu funcionamento.

Dessa forma, pensando a dinamicidade da língua e, conseqüentemente, das estruturas, para alcançar nosso objetivo geral, partimos dos objetivos específicos, isto é, analisar o item linguístico *lá*, tomando reflexões relacionadas ao fato de que esse elemento linguístico dentro de situações reais de uso, migra de “expressão modalizadora que por si só denota uma circunstância de lugar” (BECHARA, 2004, p.287) a assumir novas funções tanto de cunho gramatical como discursivo; verificar como na trajetória de gramaticalização, o elemento *lá* vai perdendo seu valor semântico de locativo espacial para assumir novas funções, passando a organizar argumentos ou assumir funções interativas. (MARTELOTTA, VOTRE, CEZÁRIO, 1996).

Segundo Oliveira (2007), na prática, as análises que tomam os advérbios, baseada na gramática tradicional encontram dificuldades de aplicar suas próprias regras. Para ele tratar do “advérbio” é, antes de mais nada, tomar consciência, desses equívocos, constatando a diversidade de emprego dessas expressões no processo comunicativo.

No geral, para perspectiva funcional, analisar a função de um item linguístico é preciso ter como referência a situação comunicativa por completa: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. Conforme Givón (1995, Tradução nossa), “*Todas as outras coisas sendo iguais, uma experiência codificada é mais fácil de armazenar, recuperar e comunicar se o código for maximamente isomorfo à experiência.*”³, isto é, uma experiência é mais fácil de ser entendida, armazenada e comunicada, se a estrutura linguística estiver intrinsecamente relacionada, de alguma forma, à estrutura da experiência vivida pelo falante.

Assim, considerar o processo de gramaticalização neste estudo é de suma importância tendo vista a própria instabilidade da classe de palavra aqui analisada. Conforme Neves (2018), o advérbio locativo tem grande mobilidade semântica e sintática, podendo assumir no discurso funções que contribuem, não raro, para coesão textual como catafóricos e anafóricos, conforme exemplo: (1) Dent0o do prédio, numa festa *lá*, né? os terrorista0 foru0 *lá*, tumaru0 o prédio (2) Eles chegarão *lá* em casa por volta das onze horas (exemplo nosso)

³ No original: “All other things being equal, a coded experience is easier to store, retrieve and communicate if the code is maximally isomorphic to the experience”.

Em razão disso, tomamos como hipóteses para esse estudo que: o item linguístico *lá* como advérbio de lugar, na cidade de João Pessoa, não dá conta dos diferentes modos assumidos no discurso, tendo em vista que no contexto real de uso o advérbio *lá* passa por um processo de gramaticalização, seguindo a trajetória de mudança no ato discursivo de espaço > tempo > texto, “como os dêiticos espaciais em geral” (MARTELOTTA, RÊGO, 1996, 237). Outra hipótese é que a partícula *lá* assume a função modalizadora propondo duas trajetórias para o seu uso, uma em que o *lá* entra no sintagma nominal, e outra, sendo discursivizado na forma de *sei lá*. Além disso, consideramos que os novos usos do *lá* na forma mais abstrata - resultado do processo de gramaticalização e discursivização - são predominantes nos níveis de escolaridade mais elevados, isso porque os usos mais abstratos exigem estratégias comunicativas mais complexas e por fim, consideramos ainda, que o elemento *lá, no ato comunicativo*, não perde seu valor de dêitico espacial, mas assume para aquele momento de interação, outra função gramatical ou discursiva.

Procedimentos metodológicos

Para realização deste estudo, utilizamos o *corpus* do projeto de Variação Linguística da Paraíba (VAL-PB) no qual coletamos ocorrências do *lá* pelos seguintes subgêneros discursivos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada e relato de opinião. Nesses textos, foi levantado um total de 1009 itens da partícula *lá* proferidas na oralidade por pessoas do sexo feminino e 1328 itens proferidos por pessoas do sexo masculino. No intuito de tomarmos para análise pessoas de idades e níveis de escolaridade diferentes, tomamos cinco informantes do sexo feminino e cinco informantes do sexo masculino com níveis de escolaridade entre zero e o ensino superior e, com idade entre 15 a 25 anos, sendo que o item idade não se mostrou tão relevante para pesquisa, tendo em vista que as diferentes funções assumidas por esse elemento se dão a partir do nível de escolaridade e não pela idade.

Para tanto, analisamos na fala dos informantes pessoenses, um total de 229 aparições do elemento *lá* com a seguinte distribuição: 62 ocorrências com pessoas com nenhuma escolarização, 89 com pessoas de 1 a 5 anos de escolarização, 30, com 5 a 8 anos de escolarização, 53 pessoas com escolarização entre 9 a 11 anos e 46 pessoas com mais de 11 anos de escolarização. Veja tabela 1, abaixo.

Tabela 1 – Escolaridade e idade

ESCOLARIDADE	TOTAL (LÁ) MASC/FEM (299)
Nenhuma escolarização	62
Fundamental (1 a 5 anos de escolarização)	89
Fundamental 2 (5 a 8 anos de escolarização)	30
Ensino médio (9 a 11 anos de escolarização)	53
Ensino superior (acima de 11 anos de escolarização)	46

Fonte: autora própria.

Por traz dos aspectos tradicionais há uma funcionalidade

Na tentativa de fazer uma análise sobre enunciados efetivamente produzidos nas experiências interacionais, levando em conta a mobilidade criativa que o falante exercita, tomamos como base teórica a Sintaxe Funcional, sendo o fio condutor o “Paradigma da Gramaticalização”, sob a perspectiva do modelo proposto por Heine et al. ((1991). A escolha se justifica devido a essa abordagem teórica tomar a gramática como sistema formado pelas regularidades resultantes de influências variadas inerentes à produtividade linguística, considerando aspectos discursivos e pragmáticos.

Conforme Neves (2004), uma abordagem proposta pela gramática funcional incorpora noções discursivas a padrões gramaticais, levando a compreensão do processo de composição da gramática e sua inter-relação com o discurso, a autora acrescenta ainda que não se compreende um fato linguístico sem se levar em conta o sistema no qual ele se insere.

Sendo assim, nesse estudo, o item lexical *lá* assume seu funcionamento na interação de sujeitos reais, permitindo que seu estudo não se resume apenas a análise de forma sem um propósito pelo qual é utilizado, mas uma análise que considere a língua enquanto atividade social, enraizada no uso comunicativo diário (FURTADO, 2007), pois conforme Martins (2007), as análises que tomam a nomenclatura gramatical como eixo principal se deslocam do uso e da função.

Segundo Christiano e Silva (2011) é a dinamicidade da língua motivado por pressões externas que contribui para o que Hopper chamou de “gramática emergente”, essa expressão porque, segundo Hopper (1998, p. 156, tradução nossa), ou não há gramática, ou a gramática é sempre emergente, mas nunca presente, ou seja, “A noção de

gramática emergente pretende sugerir que a estrutura ou regularidade surge a partir do discurso e é moldada pelo discurso em curso."⁴, nesse contexto, a gramática é entendida como um sistema formado pelas regularidades consequentes das pressões de uso. Por isso, a mudança e a variação estão sempre presentes.

Dessa forma, se a língua está em constante processo de variação, então “não há gramática, o que existe é gramaticalização, ou seja, o processo de cristalização de formas discursivas produtivas”. (SILVA, CRHISTIANO, 2011, p.39), um movimento em direção as estruturas que nunca se completa totalmente. O processo de gramaticalização se relaciona a diferentes tipos de mudança linguística, podendo ocorrer nos níveis cognitivo, pragmático, semântico e sintático.

Para Martelotta, Votre e Cezário (1996, p. 46-47) o elemento linguístico passa por sete diferentes fenômenos de mudança, dentre eles: do léxico a gramática; do vocábulo a morfema; do elemento linguístico menos gramatical para o mais gramatical; a trajetória do elemento linguístico do menos referencial para o mais referencial; a trajetória que leva uma construção sintática a se especializar em expressar função; o processo de repetição do discurso, no âmbito da criação e da intenção, em direção a gramática através de sua regularização e sistematização.

No caso deste trabalho, nos interessa a mudança linguística que segue na transição do nível pragmático para o nível sintagmático, ou seja, uma trajetória baseada em dados pragmáticos, relativos a estratégias comunicativas dos participantes. São dados textuais referentes à organização interna dos argumentos no texto.

Para Heine et al. (1991, p.81) o processo de gramaticalização com operadores argumentativos se dá por uma transferência do contexto situacional externo para o contexto discursivo interno, que constitui a manifestação da experiência intersubjetiva do conhecimento compartilhado por falante e ouvinte. Assim sendo, nosso próximo tópico, propomos o locativo adverbial *lá* num esquema representativo de gramaticalização espaço> tempo> texto.

⁴ No original: “*the notion of emergent grammar is meant to suggest that structure, or regularity, comes out of discourse and is shaped by discourse in an on going*”.

Locativo adverbial *lá*: entre norma e uso

Alguns gramáticos propõem para o advérbio conceitos limitados e homogêneos que não dão conta nas análises que propõem o funcionamento da língua. Vejamos algumas definições segundo a gramática normativa.

Bechara (2003, p. 288) “Expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (lugar, tempo, modo). Ernani Terra (2002, p. 172) “Palavra invariável que modifica o verbo, adjetivo ou ainda outro advérbio, exprimindo determinada circunstância”.

Conforme Oliveira (2007, 133), se a categoria de advérbio como proposta pela gramática normativa, já marca a dificuldade em termos de descrição e funcionalidade, os “locativos pronominais constituem um capítulo à parte, devido à grande mobilidade sintática que se apresentam no ato comunicativo. Exemplo:

(3) Bem, o meu primeiro namorado eu conheci em uma festa que eu fui com a minha tia, cheguei *lá* tava né? tava dançanø tudinho, eu, minha tia, o pessoal tudinho, aí conheci, comecei conheceø ele, dançou comigo, tudinho, aí começou falaø sobre a vida dele e eu sobre a minha, aí ele veio aqui, a gente conveøsou muito, aí eu gostei do jeito dele e a gente namorou durante um mêys.

No exemplo acima o vocábulo festa é retomado coesivamente no texto pelo advérbio locativo *lá*, passando nesse contexto a contribuir anaforicamente para a organização do texto, comprovando a maleabilidade proposta por Neves (2004) para a classe dos advérbios locativos, passando pelo processo de gramaticalização do espaço para o texto.

Isso significa que um item lexical passa, dentro do sistema, a exercer uma função mais gramatical e já sendo gramatical, passa a ser mais gramatical ainda. Para Martelotta, Votre e Cezário (1996), esse é um processo em que no final o elemento linguístico tende a se estabilizar numa determinada função. O percurso se dá do concreto para o abstrato.

Tomando o item linguístico *lá* em contextos reais de uso, o percurso de gramaticalização trilhado por este item linguísticos, partindo do seu valor tradicional, dêitico espacial, indicador de distância do objeto ou pessoa de quem se fala, segue a trajetória descrita por Heine et al (1991), espaço > tempo > texto. Exemplo:

(4)E* É: você, você restaura, né? I* Também, aí [pronto] {inint}. Nesse momento, a gente também, também, fazemoø a pintura, né? Embora estamoø trabalhanø de restauração, a gente. + Tamoø restauranø *lá* o: São Bento + restauranø o altar de São

Bento, aí tudo indica que vão butaø a gente *lá* <po> pá Igreja de São Francisco, prá gente restauraø *lá* também.

Nesse exemplo, podemos inferir que o item lexical *lá* faz alusão dêitica a algo do mundo real que está longe do falante e do ouvinte não perdendo seu valor dêitico espacial, entretanto, o processo de gramaticalização acontece quando o *lá* dêitico espacial passa analogicamente a fazer alusão pela metáfora espaço > texto, a dados do texto já mencionados ou por mencionar, levando a partícula *lá* a assumir valores anafóricos e catafóricos. Essa flexibilidade, perceptível no ato comunicativo, é uma evidência da constante movimentação no sistema, servindo como contra-argumento ao discurso da rigidez categorial (SILVA, 2007)

De modo geral, as questões gramaticais têm sido tratadas por abordagens formalistas, como estruturalismo e gerativismo, distanciando-se das situações reais de uso, e, assim deixando de considerar os aspectos centrais de sua natureza: as relações entre formas e funções. Conforme Silva (2007, p.69), “os aspectos formais e de conteúdo são tomados como resultados das pressões externas que agem sobre o discurso”. Daí, o funcionalismo analisar a língua como um complexo de relações estruturais e funcionais adaptáveis às condições de produção.

Entretanto, numa perspectiva tradicional o estudo da gramática segundo Antunes (2003), não costuma passar de uma coleção de rótulos e propriedades de itens gramaticais (verbos, nomes, pronomes, conjunções etc.) e papéis sintáticos vinculados a eles (sujeito, predicado, adjunto etc.), realizando atividades de identificação e classificação, esquecendo de analisar tais itens e funções em seu *habitat*, o discurso, a interação entre seres humanos.

Para o funcionalismo linguístico a língua não é concebida como sistema de autônomo, mas como uma estrutura maleável que se dirige para uma multifuncionalidade, determinada por diferentes situações comunicativas, que por sua vez ajuda a definir a melhor estrutura gramatical. Em consequência dessa maleabilidade, a gramática assume um permanente fazer-se, negando a estabilidade pregada pelas gramáticas normativas. (NEVES, 2018).

O processo: para além da gramática normativa

No português atual, o advérbio de lugar, indicador espacial “expressa pontos no espaço em relação à localização dos participantes” (MARTELOTTA & RÊGO, 1996, p.239), longe do falante e do ouvinte, mas nem sempre essa localização, no contexto real de comunicação é tão clara nem tão exclusiva.

Partimos do princípio de que o uso da partícula *lá*, na cidade de João pessoa, segue duas trajetórias de gramaticalização na direção espaço > tempo > texto ou diretamente do espaço para o texto, levando esse elemento a assumir funções catafóricas e anafóricas e, de “modalizador que funciona como marca do afastamento ou desinteresse do falante em relação ao que fala. Essas mudanças são perceptíveis no ato discursivo em diferentes contextos de comunicação.

Vejamos como isso ocorre.

(5) Dent0 do prédio, numa festa *lá*, né? os terrorista0 foru0 *lá*, tumaru0 o prédio, + p0a rouba:0. + Aí tinha um um [pulia-] um policial só *lá*. Num tinha nada a ve0 cum a história, a mulhe0 dele <também> tava *lá* no meio, + tava como refém. Ele foi *lá*:, <como era o mocinho, né?> + aí conseguiu vence0 o terrorista e matô0 tudinho. (grau de escolaridade/alfabetização).

No exemplo acima, percebemos que a partícula *lá*, na primeira frase é depreciativo, uma festa qualquer, mostrando apenas desinteresse do falante em relação ao que fala, assumindo nesse contexto apenas uma função modalizadora. Já na segunda e quarta aparição do *lá* é possível denotar uma circunstância espacial de lugar longe dos falantes, mas que, também passa pela trajetória de gramaticalização quando o *lá* dêitico espacial, por um processo espaço > texto, passa a fazer menção a dados no texto já mencionados (*lá* na festa). Assim os locativos, nesse contexto, assumem a função de modalizador e referenciador textual anafórico.

É interessante ainda que: “ele foi lá”, nesse contexto o *lá*, também, faz referência a uma ideia proposta pela fala que está fora do texto. (*lá*, na confusão). “a mulher também tava *lá*”, tanto retoma festa como antecipa “meio” e ele foi *lá* (*no meio da confusão*). Nesse caso, temos o item *lá* assumindo diferentes funções. Vejam que ora o falante usa *lá* no tom depreciativo e de desinteresse (*numa festa lá, festa qualquer*) ora retoma coesivamente um item já mencionado no texto (*forum lá, na festa*) ou introduz uma informação nova compreensível pela junção do item só ao elemento *lá* - *só lá* -. A conjunção *só* complementa a informação que ele estava apenas lá, mas não estava preocupado com o que estava acontecendo. (*só lá*). O locativo encontra-se numa

relação estreita com a conjunção só, complementando-o de modo que *só lá* constitui um só evento comunicativo.

Nesse caso, segundo Neves (2000) não se pode falar em junção adjuntiva ou acessória do item lexical *lá*; trata-se, na verdade do papel argumental ou participante. Já, O item *lá*, de “ele foi lá”, retoma coesivamente todo período anterior.

Já no exemplo: Aí tinha um [pulia-] um policial só *lá*. Não tinha nada a ve0 cum a história, a mulhe0 dele <também> tava *lá* no meio, + tava como refém. Nesse caso, o elemento *lá* retoma, anaforicamente, dados temporais já ditos no discurso, retomando mais uma vez um dado já mencionado no texto, a festa.

No exemplo que segue, observaremos como o elemento *lá* passa pela metáfora espaço > discurso, organizando analogicamente dados no texto ainda por mencionar.

(6) E* Por que parô de estudar? I* Porque minha famílh0a, sabe é muito pob0e aí: eu tive que t0abalha0 no matadô0ro pra pega0 dinhe0ro pra cuida0 da0 de comida pro meus irmãozinho0 e + *lá* em casa são sete.

Nesse exemplo, a partícula *lá* introduz uma informação nova no texto, algo ainda não mencionado, *em casa*. O informante ao introduzir na frase o elemento *lá* indica um lugar preciso em que se situa a família. A partícula *lá* apresenta cataforicamente à informação espacial mencionada logo em seguida (em casa), indicando um lugar em relação ao espaço. Classificado como espacial pleno catafórico.

Com base no conceito de gramaticalização podemos inferir que o uso da partícula *lá*, no contexto de comunicação, assume novas formas e funções sem, necessariamente, desativar as formas já existentes. Para Heine (1991) a metáfora espaço > discurso organiza relação de semelhança entre coisas ou fatos distintos o universo discursivo em termos de referentes externos.

No corpus pesquisado, 100% das ocorrências em que aparece o elemento *lá* como catafórico, em diferentes idades e grau de escolaridade, introduz uma informação ainda não mencionada.

Observamos também que o elemento *lá* expressa função textual (catafórica ou anafórica) fazendo alusão a dados temporais já mencionados ou por mencionar. Exemplo:

(7) Aí pronto, aí [um] uma vez o velho foi pro mercado pastora0 esse rapaz, “quem foi esse que tumô0 o dinheiro”, aí *de lá pra cá* ele não foi mais pro mercado, acho que com medo. A turma avisaru0. + Aí pronto, a gente ia sempre com medo, a gente fazia arrumação, tudinho, mais com medo, desse pessoal. (temporal aparece uma única vez em informante com nível de escolaridade entre 1 a 4 anos).

Nesse exemplo, o elemento *lá* retoma anaforicamente, dados temporais já ditos no discurso. Aqui o uso da partícula *lá*, formando nesse contexto, a expressão “*de lá pra cá*”, faz referência a um ponto no tempo mencionado anteriormente, constituindo, assim, um exemplo de anáfora. Da mesma forma foi perceptível no *corpus* o elemento *lá* organizando argumentos com valor temporal de forma catafórica, ou seja, introduzindo uma informação nova.

(8) Aí foi se passan0 o tempo, resolvi assumiø logo, né? Registrei a menina no meu nome. Daqui *pra lá* a gente num teve conflitos, né?. A gente tem assim discussõe0 como (hes) acho que qualqué0 casal, né?, tem.

Vejamos que nesse caso o elemento *lá* antecipa, na forma “*pra lá*”, a um ponto no tempo ainda por mencionar. Trata-se, portanto, de um exemplo de catafórico temporal inferível. Catafórico inferível porque em nenhum momento ele marca no discurso esse tempo.

De acordo com Traugott e König (1991) *Apud* MARTELOTTA 1996, p.243) o uso temporal surge por um processo de mudança que eles chamam de pressão de informatividade. “Esse processo se dá quando, por convencionalização de implicaturas convencionais, um termo assume um novo sentido motivado pelo contexto em que aparece”. Nesse contexto, o *lá* assume valor temporal em consequência que faz alusão anafórica /catafórica a dados de valor temporal.

Observamos ainda que o item linguístico *lá* aparece na forma de *sei lá*, significando no discurso elemento de incerteza e insegurança em relação ao que fala, vejamos através dos exemplos que seguem. (exemplos 6, 7 e 8)

(6) Quan0o ele perdeu do Botafogo. + Quan0o o Flamengo tava ganhando no campeonato *lá*: carioca, aí o tal do Violino, Viola *sei lá*, feyz um gol *lá* aí ganhô0 o campeonato.

(7) E* Que matéria você menos gostava? Por quê?

I* A matéria que eu menos gostava + é: Geografia. *Sei lá*, porque a aula de Geografia, num é uma aula assim, que nóys aprendemos, né?

(8) E* Você teria algum amigo homossexual? Por que? (risos)

I* Não teria não porque (risos) eu num teria porque eu acho muito feio, um homeø querêø, *sei lá*.

Nesse caso, o uso do *sei lá* caracteriza algo que existe, mas que ele não quer falar a respeito ou não considera relevante fazer comentários.

Nesses casos o *lá* com valor espacial se abstratiza, associando-se a noção de modalizador que se discursiviza na forma de *sei lá* quando acompanhado do verbo saber no presente do indicativo na primeira pessoa do singular.

A partir do sentido de *sei lá*, podemos observar a continuidade de uma trajetória de abstratização em que vai ocorrendo um distanciamento do seu valor semântico espacial, associando-se a uma função modalizadora, um valor pragmático, em que a partícula *lá* vai caminhando para o discurso.

Segundo Martelotta e Rego (1996), o uso do *sei lá* além do seu valor modalizador original, indicando insegurança ou incerteza do falante em relação ao assunto que fala, assume também, em determinados contextos, a função de reorganizar o discurso quando sua linearidade é momentaneamente perdida. Para Vicente e Votre, (1993 *apud*, (MARTELOTTA, 1996) no processo de discursivização essa expressão tende a perder restrições gramaticais e passa a assumir restrições de caráter pragmático e interativo, passando a funcionar como elemento que viabiliza o processamento do discurso, ou seja, indica insegurança do falante em relação ao que fala e também pausas para pensar no que será dito em seguida. Portanto, nesse caso, o uso do *sei lá* assume uma função pragmática típica de marcador discursivo.

Entretanto não encontramos no *corpus* pesquisado o uso de partícula *lá* como marcador discursivo indicador de pausa, entretanto esse elemento indicando reticências, pausas vem acompanhado do verbo saber ou verbo ir. Além disso, a expressão *sei lá* indicando insegurança ou negação em torno da ideia que se fala, quase não aparece nos informantes de nível de escolaridade baixa.

Outra característica que também foi percebida através da investigação do *corpus* e que a partícula *lá* aparece em contextos em que vai perdendo seu valor semântico dêitico espacial para assumir novas funções de cunho gramatical e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Vejamos os exemplos através da expressão “*pra lá*”. (9) Aí intrigas *pra lá*, discussão para cá, discussão *pra lá* aí foi deu o caso. Diferentemente do exemplo 5, o elemento *lá*, nesse contexto, não funciona como catafórico temporal, destituindo-se das restrições gramaticais, assumindo atribuições de caráter interativo, caracterizando-se como marcador discursivo, usado como estratégia para organizar o discurso, sem, necessariamente, ter que retomá-lo. Já no exemplo (10) *Vai pra lá* vem pra cá e nada se resolve a partícula *lá*, assumindo a forma de *vai para lá*, assume a função de resumir o discurso, não dando ênfase ao fato acontecido. Nesses casos, dos exemplos 9 e 10 o *lá* assume função pragmática típica de discursivização. Aqui parece tratar mais de um caso em que envolve o verbo ir do que, necessariamente, a partícula *lá*.

Por fim, diante das diferentes funções assumidas pela partícula *lá* no corpus apresentado, passamos a análise dos resultados.

Análise dos resultados

A partir da análise do item linguístico *lá*, procuramos observar, no contexto de uso em João Pessoa - PB, a relação entre os seguintes fatores: nível de escolaridade e idade. Inferimos que a partícula *lá* passa, no ato discursivo, a assumir funções diferentes da proposta pela gramática tradicional, isto é, advérbio de lugar, dêitico espacial que aponta um local sem nomeá-lo.

Os resultados a seguir nos mostram como esse elemento vai perdendo seu valor semântico dêitico espacial para assumir novas funções gramaticais.

A tabela abaixo (tabela 2) mostra os números que dizem respeito ao nível de escolaridade e as formas da partícula *lá* encontradas (no recorte) da fala dos pessoenses entre 15 a 25 anos de idade:

Tabela 2 – Distribuição dos tipos de *lá* na fala de acordo com a escolaridade do falante

ESCOLARIDADE	TOTAL MAS/FEM (299)	Anafórico (espacial pleno)	Catafórico (espacial pleno)	Espacial inferível	Modalizador No SN Marcador discursivo <i>sei lá</i>
Nenhuma	62	21(33,87%)	24(38,70%)	14(22,58%)	3(4,83%)
Fundamental (1 a 5 anos de escolarização)	89	54(60,67%)	23(25,84%)	9 (10,11%)	3(3,37%)
Fundamental 2 (5 a 8 anos de escolarização)	30	21(70%)	6(20%)	1(3,33%)	2(6,66%)
Ensino médio (9 a 11 anos de escolarização)	53	35(63,03%)	10(18,86%)	3(5,66%)	5(9,43%)
Ensino superior (acima de 11 anos de escolarização)	46	9(19,56%)	5(10,86%)	2(4,34%)	30(65,21%)

Fonte: tabela construída a partir das recorrências desses elementos publicados pelo projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba, do professor Dermeval da Hora - João Pessoa: Ideia, 2005.

Retomando nossa hipótese de trabalho, que na cidade de João Pessoa o advérbio *lá* segue uma trajetória de mudança no ato discursivo, propomos uma análise dos resultados a partir da tabela acima.

No total de 229 aparições analisadas desse item linguístico, 140 casos aparecem com valor anafórico, indicando pontos no texto já mencionados, 68 com valor catafórico pontos ainda a mencionar, 15 casos aparecem como espacial inferível. Surgem ainda 43 casos como modalizador, sendo 11 casos em que o *lá* penetra no sintagma nominal e 23 casos em que o *lá* se discursiva na forma de *sei lá*, funcionando como elemento que participa da reorganização do discurso. É importante salientar que, em alguns casos, seu valor dêitico espacial não é perdido, entretanto, assume no texto outra função gramatical.

Observando os números percebe-se que no Ensino Fundamental há mais casos de ocorrências do *lá* espacial pleno (45,41%), uso que caracteriza estágios menos avançados de gramaticalização, portanto, menos abstrato. Enquanto no nível de escolaridade superior temos a predominância do *lá* espacial pleno é de apenas 6,11%. Dos 181 casos totais do *lá* com informantes de zero a oito anos de escolarização 149 casos aparecem como espacial pleno, anafórico e catafórico, contra 8 casos de *lá* no discurso (3 casos) e, do *lá* no sintagma (5 casos). Enquanto isso, temos nos níveis de escolaridade mais alto (acima de 11 anos de escolarização) 46 casos do *lá* (20,08%), dos quais apenas 14 aparecem como espacial pleno, contra 30 ocorrências que aparecem o item *lá* nos usos mais abstratos, 5 casos no sintagma e 25 discursivizado na forma de *sei lá*.

Entretanto, a partir desse estudo, nossa hipótese se confirma, pois percebemos uma predominância significativa em relação ao uso do elemento *lá* de forma mais abstrata no nível de escolaridade mais elevado. Diante da tabela percebe-se que muitos casos de espaciais plenos no nível de escolaridade mais baixo, e por outro lado, muitos casos do elemento *lá* no discurso no sintagma nominal (usos mais abstratos) nos informantes com mais de 11 anos de escolarização, contra poucos de níveis mais baixos.

De certa forma, o nível de escolaridade afeta o uso da partícula *lá*, de modo que há uma proporcionalidade entre grau de instrução do informante e o uso do elemento *lá*. Acreditamos que esse fato ocorre devido casos mais abstratos exigir estratégias comunicativas mais complexas. Segundo Heine ET alli (1991) no processo de gramaticalização ocorre um grau crescente de abstração semântica dos itens lexicais (do mais concreto para o menos concreto).

Dessa forma, compreende-se que quando um elemento vai adquirindo maior grau de abstração vai se distanciando semanticamente do seu significado de origem. Isso talvez explique as poucas ocorrências, no nível de escolaridade mais baixo para elemento *lá* na forma de *sei lá* que assume uma função pragmática de marcador discursivo que não envolve apenas o item linguístico *lá* como também o verbo saber.

A partir do nosso *corpus* podemos inferir ainda que quanto maior o nível de escolaridade menor o uso do elemento *lá*, isto é, os informantes de nível de escolaridade mais baixa usam com mais frequência que os informantes de 3º grau. Isso significa que diferentemente do proposto por Martellota e Rego (1996), em seu artigo *Gramaticalização de lá*, a partícula *lá* na cidade João Pessoa, tem seu uso significativo de valor espacial pleno (catafórico e anafórico) no nível de escolaridade mais baixa. O que significa dizer que os novos usos da partícula *lá* de valor mais abstrato, que são resultados do processo de gramaticalização, são mais frequentes nas entrevistas dos informantes de nível de escolaridade menor, enquanto as formas mais abstratas aparecem no nível de escolaridade mais elevado.

Considerações finais

Assim, concluímos que o elemento linguístico *lá*, em João Pessoa-PB, quando sujeito a pressões de uso, perde seu valor semântico espacial pleno e passa por duas trajetórias básicas a partir do paradigma de gramaticalização espaço (tempo) texto, em que seu uso é marcado por duas trajetórias: uma leva a partícula *lá* a assumir funções catafóricas e anafóricas, fazendo menção a elementos detectáveis no texto, e uma outra, leva item linguístico *lá* a assumir função de modalizador, que passa a assumir duas trajetórias distintas: uma, em que se dá o processo de discursivização na forma de *sei lá*, e uma outra em que o *lá* entra no sintagma nominal, marcando a intenção de indefinir o substantivo ao qual se refere, desempenhando certo desinteresse e afastamento do falante em relação ao que pronuncia.

Consideramos ainda que, na cidade de João Pessoa-PB, os novos usos do *lá* na forma mais abstrata - resultado do processo de gramaticalização e discursivização - são predominantes nos níveis de escolaridade mais elevados, isso porque os usos mais abstratos exigem estratégias comunicativas mais complexas.

Portanto, esse estudo vem corroborar com a proposta da linguística funcional, haja vista que essa corrente analisa a língua considerando sua multifuncionalidade que emerge no processo comunicativo, conforme proposto pelo paradigma da gramaticalização. De acordo com Silva (2007, p.86) a abordagem funcionalista está diretamente relacionada à realidade linguística, visto que é nessa realidade que se pode considerar os aspectos centrais de sua natureza: as relações entre formas e funções que dependem da gama de fatores que interferem a cada interação comunicativa.

Por hora, concluímos que o ensino de língua, dentro de uma perspectiva funcionalista, pode seguir duas trajetórias: a perspectiva da forma, em que alunos podem “refletir” sobre as funções desempenhadas por um item e a perspectiva da função, em que os alunos podem refletir sobre diferentes itens que possuem a mesma função. Em outras palavras, é importante que o estudo de língua considere contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática se constitui efetivamente.

Referências

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, V.14 2003.

BECHARA, Ivanildo, **Moderna gramática portuguesa**, 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004

CRHISTIANO, Maria Elizabeth; SILVA, Camilo, Rosa. Sintaxe. In: ALDRIGUE, A. Cristina; FARIA, Evangelina M. Brito. (Orgs) **Linguagens usos e reflexões**. Volume 4 Editora UFPB, João Pessoa, 2011

TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática**. São Paulo. Spicione. 2002

FURTADO, M. Angélica. Ensino de gramática com base no texto: subsídios funcionalistas; In: *Ariús* – Revista de Ciência Humanas e Artes- ISSN 0103-9253, v.13, n 2, Julh/dez, 2007.

GIVÓN. T. 1995. **Functionalism and grammar**. Amsterdam. Benjamins. 1995

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike, & HÜNNEMEYER Friederike. **Grammaticalization: A conceptual framework**. Chicago: Chicago University Press. 1991

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. In; CRHISTIANO, Maria Elizabeth, SILVA; HORA. Derneval. (orgs). **Funcionalismo e gramaticalização: teoria análise, ensino**. João Pessoa, Ideia 2004.

HORA, Demerval da. (Coord.). **Projeto variação linguística do estado da Paraíba**. João Pessoa: Ideia, 2005.

MARTINS, Iara, F.de Melo. Letramento em sala de aula e a variação linguística. In: SILVA, Camilo, Rosa (Org), **Ensino de português: demandas teóricas e práticas**. João Pessoa, ideia, 2007.

MARTELOTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; REGO, Lana. Gramaticalização do lá: In: MARTELOTA, Mário Eduardo; CEZARIO, Maria Maura e VOTRE, Sebastião Josué. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de uso do português**. São Paulo. Ed. Unesp.2000.

NEVES, Maria Helena Moura. **A gramática funcional: interação, discurso e texto**, ed.1ª São Paulo: contexto, 2018

OLIVEIRA, M. Rios. Itens locativos: uma proposta de tratamento na sala de aula de língua portuguesa. In: SILVA, Camilo, Rosa (Org), **Ensino de português: demandas teóricas e práticas**. João Pessoa, ideia, 2007.

SILVA, Camilo, Rosa, Por uma gramática funcional; In: SILVA, Camilo, Rosa (Org), **Ensino de português: demandas teóricas e práticas**. João Pessoa, ideia, 2007.